



Artigo livre

*Patrimonialização do sítio histórico de Olinda: cultura e afetos na reinvenção de uma cidade**

Patrimonialization of the historical site of Olinda: culture and affections in the reinvention of a city

Daniel Praciano Marinho**

* Recebido em: 03.05.2018.

Aprovado em: 29.07.2018.

** Graduando em Ciências Sociais/Sociologia pela Universidade de Brasília. Email: daniel.pmarinho@gmail.com.

Resumo: o presente artigo elabora uma análise do processo de patrimonialização do sítio histórico da cidade de Olinda, em Pernambuco, observando de que forma agentes humanos atuaram, juntamente com políticas de imagem estatais, para transformar o imaginário do local e torná-lo um centro cultural e turístico. O texto utiliza-se, assim, da obra de Gilberto Freyre para resgatar a história social de Olinda e seus habitantes, e, em seguida, evidencia a contribuição de moradores que, a partir dos anos 60, passam a tornar o sítio histórico um refúgio artístico e boêmio, se associando a políticas locais que já buscavam investir no potencial turístico da cidade. Tendo apresentado os entrelaçamentos entre tais elementos históricos, o artigo concretiza seus argumentos a partir do estudo de três casos de estruturas presentes em Olinda que tiveram sua aparência e sua função transformadas para se adequar ao novo papel cultural e social do sítio histórico.

Palavras-chave: sítio histórico; patrimônio cultural; políticas de imagem; agenciamento humano; requalificações de paisagens.

Abstract: this article develops an analysis of the process of patrimonialization of the historical site of the city of Olinda, in Pernambuco, observing the way in which human agents acted, alongside state image policies, to transform the place's imaginary and make it into one of a cultural and touristic center. The text makes use of the work of Gilberto Freyre to recuperate the social history of Olinda and its inhabitants and, then, shows the contribution of local residents that, after the sixties, turned the historical site into an artistic and bohemian refuge, associating themselves to local policies that tried to invest in the touristic potential of the city. Having presented the interlacements between such historical elements, the article concretizes its considerations through the study of three cases of structures present in Olinda that had their appearance e function transformed to fit the new social and cultural role of the historical site.

Keywords: historical site; cultural heritage; politics of the image; human agency; landscape requalifications.



Introdução: Olinda, uma cidade carnavalesca

Ao se falar na cidade de Olinda, para uma pessoa que não seja do estado de Pernambuco, o primeiro pensamento a vir à mente é a respeito do carnaval local. De forma semelhante, para os conterrâneos da cidade, sua existência é associada a festa, boemia e a um local onde “tudo se pode” (especialmente na época carnavalesca). A ideia da cidade se divide, portanto, entre aquela de um local turístico, associado à cultura regional, e, para pernambucanos, um local de festas, noitadas e, para determinados grupos, contra-cultura. Muitos são os jovens recifenses que vão para Olinda nos fins de semana buscando algo que não encontram em sua cidade. A diversidade social dos indivíduos que frequentam o sítio histórico é imensa, mas entre a parcela politizada (e, portanto, frequentemente elitizada) da população de classe média recifense, dentro da qual se encontram artistas e acadêmicos, a cidade parece fazer parte de um imaginário especial.

De qualquer forma, ambas as ideias citadas parecem resumir Olinda ao seu sítio histórico e considerá-la como um paraíso tropical de arquitetura fascinante, onde, durante momentos de festa, é possível ser livre. Tais ideias são mantidas vivas e são realimentadas através de gerações, que permitem a constante ocupação do sítio histórico em diversos eventos culturais, nos quais novos grupos reproduzem comportamentos e formas de festejar que em muito se assemelham às aquelas de anos atrás.

Por óbvio que esta não foi sempre a configuração da cidade no imaginário popular. O fenômeno carnavalesco de Olinda, que chega, hoje, a atrair 3 milhões de foliões (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 2018) às suas ruas para verem os famosos bonecos gigantes, já foi muito menor. O conjunto paisagístico e arquitetônico da cidade foi tombado em 1968, e a cidade foi declarada Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade pela Unesco em 1982, depois de longo processo iniciado em 1978 (PREFEITURA DE OLINDA). De lá para cá, parece ter havido um crescimento intenso do carnaval na cidade, contribuindo para a construção do imaginário citado anteriormente e alimentando o ciclo que permite atrair mais turistas para o local e aumentar, cada vez mais, o tamanho da festa.

Historicamente, no entanto, Olinda teve um papel muito diferente na construção do Brasil. Centro de uma das primeiras capitanias a serem bem-sucedidas, a cidade servia como moradia para muitos dos administradores coloniais e indivíduos associados ao negócio da cana de açúcar. Passando por diversos episódios marcantes na história do país, como a invasão dos holandeses e o posterior incêndio de sua arquitetura, a cidade teve que reinventar seu papel político e cultural diversas vezes até chegar ao local hoje associado a cultura e ao carnaval que lhe permitiu ser declarada a Primeira Capital Brasileira da Cultura. Hoje, quando alguém visita o sítio histórico de Olinda, encontra o casario colorido, povoado por artesãos, artistas, pousadas e restaurantes.



O processo de construção do duplo imaginário citado no início do texto, por óbvio, não envolveu apenas a patrimonialização da cidade, tornando-a um ponto turístico, mas também a agência de indivíduos que a tomaram como local de reunião e ação cultural e que forjaram a identidade de Olinda como um local de boemia, liberdade e arte. Estes indivíduos criaram, em sua geração, afetos para com a cidade que se reproduzem até hoje em jovens que têm no local um ambiente de ações culturais e contestadoras (como pode ser visto em tantos blocos de carnaval), dotando o espaço do sítio histórico, para essas pessoas, com um encanto que vai além de sua arquitetura e paisagem.

Neste artigo busca-se, portanto, analisar as transformações vividas pelo sítio histórico de Olinda através de sua história, especialmente nos últimos quarenta anos, buscando observar como determinados espaços da cidade foram se adaptando ao seu novo papel cultural e turístico e como estas transformações se entrelaçaram, através de políticas de imagem, com agenciamentos humanos que já vinham tomando conta de Olinda desde os anos 60, e permitiram conformar a ideia consolidada a respeito do local hoje em dia.

De centro colonial a Patrimônio Histórico

“Diz-se que foi assim: que ‘hum Gallego criado de Duarte Coelho [...] andando com outros por entre o matto buscando o sitio em que se edificasse [a vila], achando este que he hum monte alto,

disse com exclamação e alegria, Olinda’”. Assim inicia o sociólogo e antropólogo pernambucano Gilberto Freyre a sua obra *Olinda - 2º Guia Prático, Histórico e Sentimental de Cidade Brasileira* (1939). Com todas as ressalvas feitas às obras do autor, tal livro se destaca com extrema importância, por inaugurar uma forma nova de se fazer um “guia turístico” de um local, e, para efeitos deste trabalho, representar uma das primeiras descrições afetivas da cidade de Olinda.

Ao longo da obra, Freyre apresenta, a partir de suas vivências em Olinda, não só a arquitetura e história do sítio histórico, mas uma série de elementos da vida social na cidade ao longo do tempo, caracterizando uma descrição antropológica e, por vezes, poética. Explicita, ainda elementos naturais do local, como o mar, o vento, os rios e tudo aquilo que pode ser visto por indivíduos que venham a visitar a cidade. Introduz, inclusive, algumas das construções mais destacadas, por sua história, na cidade, as quais serão objeto do trabalho mais à frente.

Neste sentido, partindo do ponto iniciado por Freyre em sua obra, tem-se registro que Olinda possui suas origens na chegada do fidalgo português Duarte Coelho para comandar a capitania de Pernambuco, a partir de 1535. Ao buscar um local para se estabelecer, Coelho teria achado um ponto ideal (de acordo com as estratégias da época) no alto de colinas, onde havia uma pequena aldeia indígena chamada Marim, da etnia dos caetés (daí o nome dado, por vezes, à cidade de Marim dos Caetés).



Ali se estabeleceu o centro político da capitania, de forma que apenas dois anos depois Olinda foi elevada à categoria de vila. A prosperidade inicial da capitania se deveu à exploração do pau-brasil e, posteriormente, da cana-de-açúcar. A partir da colina de Olinda ocorreu a expansão para as áreas portuárias e os engenhos de açúcar, no interior. Olinda foi, assim, sendo povoada aos poucos, pelos indivíduos políticos da época e suas famílias, além das populações escravizadas que chegaram posteriormente e seriam fundamentais nas fundações da cultura local.

Outro ponto importante durante o período de colonização é a chegada das primeiras ordens religiosas, “carmelitas em 1580, jesuítas, em 1583, franciscanos, em 1585, e beneditinos, em 1586” (PREFEITURA DE OLINDA). A instalação de tais grupos em Olinda é essencial para a conformação da aparência citadina (posteriormente tombada) que o sítio histórico possui hoje, devido à instalação das diversas igrejas e estabelecimentos religiosos.

A história posterior da cidade já é bem conhecida: o tempo de pujança e ostentação de Olinda, que era equiparável à Corte portuguesa, encontrou seu fim com a invasão dos holandeses a Pernambuco, em 1630, e com o posterior incêndio da cidade, em 24 de novembro de 1631, que destruiu praticamente toda a arquitetura local. Olinda se mantém, assim, como sede oficial da capitania, mas os holandeses passam a governar a partir de Recife, selando o futuro abandono de Olinda e a passagem do poder político para Recife, que se consolidaria mesmo após a expulsão dos holandeses, em 1654.

Olinda se reconstrói, assim, lentamente, circundada, ainda, por propriedades rurais, em oposição à força comercial de Recife, que passa a se alinhar mais aos novos paradigmas dos séculos XVIII e XIX (PREFEITURA DE OLINDA). Olinda passa a se consolidar, assim, como uma cidade majoritariamente residencial, algo que se mantém até hoje, embora os moradores do local tenham mudado ao longo do tempo. Este processo possui como marco a criação da Academia de Direito, em 1827.

Gilberto Freyre traz informações preciosas sobre a vida social na cidade neste momento, afirmando que, a partir de plano do Bispo Azeredo Coutinho, Olinda tomou forma de uma tranquila cidade universitária, ou uma “Coimbra brasileira”, como pode ser visto no seguinte trecho:

Com a instalação do Curso Jurídico, fundado em 1827, no Convento de São Bento – que hoje se orgulha de ter abrigado escola tão ilustre nos seus primeiros anos – pareceu que Olinda se tornava definitivamente isso: um tranquilo burgo universitário e ao mesmo tempo eclesiástico. A tristeza dos mosteiros, com seus monges velhos meditando no alto dos montes, seria compensada pela alegria das ‘repúblicas’ de estudantes espalhados pelos sobrados das ladeiras. A gravidade do latim cantado nos conventos seria adoçada à noite pelo som das modinhas das serenatas. Mas o ar dominante da cidade – com seus cônegos, seus frades, seus doutores, seus estudantes – seria o de um lugar de estudo e o de um centro de saber. (FREYRE, 1968, p. 39-42)

Olinda foi, assim, durante um curto período, animadamente povoada pelos estudantes da Escola de Direito. No entanto, em 1854,



o Curso Jurídico também foi transferido para Recife, deixando Olinda, mais uma vez, como um velho burgo eclesiástico, majoritariamente residencial. Tal realidade só viria a mudar posteriormente, principalmente no século XX, quando a população recifense passa a buscar as praias da cidade para veranejar. Destacam-se, assim, “as praias e, ultimamente, pintores, alguns um tanto boêmios, que decidiram instalar seus ateliers de artistas em primeiros andares de velhos sobrados de Olinda. Um desses pintores, Adão Pinheiro.” (FREYRE, 1968, p. 42).

Freyre chega, assim, a um dos eixos temáticos deste trabalho. Antes que se passe para a próxima parte, no entanto, é válido destacar mais um trecho da obra do autor. Ao fazer uma descrição das diversas igrejas do sítio histórico e suas histórias, o autor destaca a “irmandade de pretos do Rosário” e a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, fundada por negros moradores de Olinda. Freyre destaca que tais grupos utilizavam a igreja como ponto de encontro em dias de festa, e, em frente a ela, dançavam com os maracatus de Olinda e arredores, assim como faziam encontros mais solenes.

O autor analisa uma série de correspondências entre políticos da época (por volta de 1780) que discutiam sobre a legalidade ou não de tais celebrações, sob reclamações do Tribunal do Santo Ofício. Um antigo governador da Capitania, o Conde de Povolide, argumenta que tais manifestações culturais seriam válidas e se assemelhariam àquelas realizadas, inclusive, por europeus, devendo-

se guardar a reprovação apenas para aquelas festas que fossem, de fato, contra princípios da fé católica. Assim afirma:

Esta foi sempre a política portuguesa: à sua sombra, nos tempos coloniais, os negros de Olinda, como os do Recife, como os da Bahia, como os de outras partes do Brasil, dançaram livremente – sem nenhuma violência policial – suas danças de xangô e seus maracatus, enchendo as ruas do ruído de seus cantos e seus *atabaques* e *matungos*. Em Olinda, o ponto preferido para tais batuques foi em frente à Igreja do Rosário. Ainda hoje Olinda tem seus maracatus que dia de carnaval descem triunfantes até o Recife. (FREYRE, 1968, p. 95)

Tais passagens são extremamente relevantes por evidenciarem a importância da população negra no processo embrionário daquilo que permitiria que Olinda, desprovida da sua antiga pujança política e relegada ao papel do “velho burgo residencial”, viesse a se tornar conhecida como centro de cultura popular: o carnaval. Os batuques e as celebrações descritas por Freyre seriam os maracatus que, como ele mesmo diz, até hoje abrilhantam as ladeiras da cidade antiga, não só no carnaval como ao longo do ano inteiro, destacando-se o fato de que a famosa “Noite dos tambores silenciosos” acontece, até hoje, em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Da mesma forma, o frevo, considerado Patrimônio Imaterial da Humanidade (G1, 2012) e ritmo por excelência do carnaval pernambucano, tem suas origens na capoeira. Neste sentido, não é exagero afirmar que a cultura popular pernambucana pela qual o estado é hoje conhecido e celebrado deve suas origens à população afrobrasileira.



O desenvolvimento e aumento de tais mobilizações culturais em Olinda permitiram, portanto, que a cidade viesse a receber o título de Patrimônio Cultural da Humanidade em 1982, após luta iniciada pela Prefeitura em 1978, com diversos apoios, fundamentando uma série de políticas que passaram a buscar tornar o local um centro cultural e turístico. Até se chegar neste momento, no entanto, uma série de fatores humanos influenciaram na construção da nova imagem da cidade.

Afeto e arte no sítio histórico de Olinda

Ao realizar-se uma breve pesquisa a respeito de Adão Pinheiro (o artista citado por Gilberto Freyre), encontra-se rapidamente sua associação com o sítio histórico de Olinda. Na década de 60, o artista, recém-empossado como Diretor de Turismo da cidade, encabeçou o denominado “Movimento Ribeira”, que passou a ocupar o decadente mercado de mesmo nome com expressões artísticas. (ÉDIPO, 2018)

Adão Pinheiro se insere, assim, em um movimento iniciado na década de 60, no qual artistas e intelectuais passaram a encontrar, na cidade antiga de Olinda, um refúgio nos tempos duros de Ditadura Militar. Segundo o escultor Ypiranga Filho, “Olinda passou a ser a meca dos intelectuais perseguidos” (ÉDIPO, 2018). Se associando à gestão da cidade, que, encabeçada pelo prefeito Eufrásio Barbosa, homem ligado às artes, começava a investir no turismo local e na cultura popular de Olinda, iniciou-se o movimento de restauração e

reocupação do sítio histórico, que tem o caso emblemático do Mercado da Ribeira como melhor exemplo, a ser analisado mais à frente.

Neste sentido, o fluxo de artistas e intelectuais pela cidade de Olinda se intensificou ao longo dos anos de Ditadura Militar, conforme o local se tornava refúgio para tais grupos, ao passo em que se passava a buscar uma valorização das culturas tradicionais já existentes na cidade, como previamente dito. Sobre a vivência de homens e mulheres durante este período, a melhor fonte são os seus relatos. Ao pesquisar sobre tal tema, foi possível encontrar uma postagem (intitulada *Olinda era uma festa*) em um blog escrito por Fernando da Mota Lima, que faz um relato muito interessante sobre sua experiência em Olinda na época:

Num certo momento, a partir de meados dos anos 1970, Olinda foi cenário e fonte inspiradora de uma inusitada atmosfera boêmia. Nas suas ruas, sobretudo nas suas noites, além algumas casas acolhedoramente abertas ao trânsito de todo tipo de gente, corria e trepidava um veio de vida e exaltação dissipadora e errática que se estendeu sem pausa durante alguns anos. Uma primeira leva dos personagens aqui considerados, no geral retratados mais como grupo do que individualidades nitidamente diferenciadas, tinha em comum, como pano de fundo opressivo, os traumas causados pela vigência difusa da ditadura militar. Liguei-me a esse grupo por vínculos de idade e afinidade ideológica e logo mais a um mais jovem e, portanto, alheio ou indiferente às repercussões explícitas ou latentes dos anos de chumbo. (LIMA, 2010)



Fernando da Mota Lima, sociólogo recifense, prossegue, assim, com uma descrição detalhada de lugares e personagens conhecidos na época. É possível perceber que Olinda, habitada previamente pelos capitães-generais, pelos estudantes da escola de direito, por figuras eclesiais, agora começava a ser povoada por novos grupos, que, inclusive, passavam a morar nos sobrados da cidade, como fala Freyre sobre Adão Pinheiro. Estes jovens se permitiam viver intensamente a cidade e expressar sua arte e suas identidades das formas mais variadas e transgressoras.

A fotógrafa Ana Farache, que viveu tal época, reafirma o que é dito por Fernando, destacando que morou em Olinda de 1976 a 2000: “Conheci os integrantes do Vivencial por lá. A cidade tinha uma efervescência cultural muito grande e todo mundo que morava no Sítio Histórico era amigo.” (BARROS, 2010) Farache se refere ao grupo de teatro Vivencial, surgido em 1974 a partir de apresentações teatrais na Associação de Rapazes e Moças do Amparo (Arma), vinculada à Igreja Católica. Posteriormente o grupo se desligou de propósitos religiosos e passou a promover espetáculos independentes nos quais refletia sobre temas como sexualidade, drogas e política, sendo alvo de perseguições do governo militar. Em 1979, o grupo abre o Vivencial Diversiones, casa de espetáculos localizada no bairro de Sítio Novo, em Olinda. As atividades do coletivo se encerram em 1983.

Um dos personagens emblemáticos do Vivencial, citado tanto por Farache quanto por Fernando, é Pernalonga. Sempre

presente nas noites de Olinda como uma personalidade transgressora, Pernalonga destaca-se por sintetizar um pouco do espírito do que estava acontecendo naquele momento. Em 2013, o cineasta Hilton Lacerda produziu o filme “Tatuagem”, que conta a história do grupo de teatro Chão de Estrelas. Livremente inspirado no Vivencial, o filme também tem Olinda como cenário. Seguem algumas imagens do Vivencial, fotografado por Ana Farache, e de Tatuagem (2013).



Mário Lima, Patrícia Hoste e Henrique Celibi, fotografados por Ana Farache.

Olinda, 1983. Fonte: JC – Terceiro Ato.



¹ JMB – Vivencial I (Parte 1).
Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=Dnp9Y3m-yic&t=2s>.



Américo Barreto, Henrique Celibi e Pernalonga, fotografados por Ana Farache.
Olinda, 1982. Fonte: Diário de Pernambuco.



Imagem do filme “Tatuagem” (2013), de Hilton Lacerda. Fonte: Tribuna do Ceará.

Em vídeos produzidos pelo grupo, como “Vivencial I” (que pode ser acessado na plataforma YouTube¹), é possível ver os integrantes entre casarios e paisagens de Olinda, tornando-as parte da encenação, o que também pode ser visto nas imagens do filme Tatuagem. A criação destas novas subjetividades associadas ao espaço da cidade dá a ela significados novos e a construção de novos imaginários. Ao se produzir um filme como “Tatuagem”, elabora-se uma política de imagem que busca fortalecer a memória de Olinda como um local associado à arte, à boemia, à contra-cultura, sem, no entanto, enfatizar a história colonial da cidade, que fica apenas como pano de fundo.



Filmes como “Tatuagem” repassam para novas gerações os significados e imaginários produzidos em gerações anteriores, ou seja, os seus afetos para com a cidade, e, desta forma, produzem memória e lembranças a respeito de um local. É muito claro, ao se transitar em determinados grupos de Olinda e Recife, que este imaginário se faz presente e a associação de Olinda à cultura, à arte e à transgressão (o “Desbunde” do Vivencial) vai se reproduzindo e se mantendo.

A atuação do Vivencial e outros grupos que ocupavam Olinda naquele momento possuíam, de início, intenções políticas e contestadoras, atuando usando a memória da seguinte forma:

Uma ferramenta poderosa nas estratégias devotadas à elaboração e re-significação de identidades (étnicas, de gênero, geracionais, regionais e sexuais) na contrapartida dos esforços dedicados às correções de narrativas. (FARIAS, 2011)

No entanto, ao atuarem no espaço de Olinda, estes grupos também produzem uma intervenção nos significados daquele local. Ao exaltar a cultura popular da cidade, eles faziam uso da memória para trazer à tona tradições étnico-históricas (como o maracatu) que não eram o centro do imaginário associado ao local, mas que, com o crescimento do carnaval, impulsionado por seus frequentadores, que faziam parte destes grupos (que passam a fundar diversos blocos carnavalescos), permitirão a construção e consolidação de Olinda como um centro cultural e turístico. Este debate sobre a cultura

popular e sua associação com a memória é explorado por Farias (2011).

Neste sentido, a geração que passa a ocupar Olinda através da cultura e dar a ela um novo sentido social o faz simultaneamente a políticas públicas (como citado anteriormente, no caso do prefeito Eufrásio Barbosa) que passarão a investir na cidade como um local turístico. Tais medidas desembocarão na titulação da cidade como Patrimônio da Humanidade, desencadeando uma série de políticas de requalificação do espaço citadino, que tiveram como pontapé inicial o citado Movimento Ribeira.

Requalificações das paisagens olindenses

Mercado da Ribeira

Como já citado anteriormente, o Movimento Ribeira foi organizado por um grupo de artistas que, associados à gestão de Adão Pinheiro, passaram a ocupar o Mercado da Ribeira, na cidade alta de Olinda, com exposições de arte. O mercado era, anteriormente, um espaço decadente de venda de carnes, que, com apoio dos artistas, foi restaurado, seguindo diretrizes do DPHAN (Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), à época órgão responsável por tais questões. Naquele momento, o casario de Olinda ainda não era tombado, então, para conseguir o apoio do DPHAN, o grupo de artistas precisou tomar certas iniciativas. (ÉDIPO, 2018)



O grupo inventou que o local teria sido um antigo mercado de escravos, o que não era o caso. Foram apoiados por Adão Pinheiro em artigo escrito para um jornal, o que fez com que o DPHAN acreditasse e investisse na restauração do lugar, que foi reinaugurado com uma placa de concreto que dizia “Antigo Mercado de Escravos”, servindo como novo ponto turístico da cidade. Os boxes do mercado foram, desta forma, ocupados com oficinas de arte, e assim se encontram até hoje. A falsa história foi, no entanto, desmentida e a placa existente hoje em dia no mercado já conta seu verdadeiro passado como um local de venda de carnes e farinha.

As medidas tomadas pelo grupo de artistas demonstram uma clara política de imagem associada a uma medida de alteração de paisagem citadina. Elas destacam, ainda, uma das características da memória analisada por seus estudiosos. Segundo afirma Edson Farias:

A coima que vitima a memória é relativa à sua incapacidade de discernir com precisão, quer dizer, fundamentada em base veritativa, as imagens que são decorrentes do que de fato existiu e as demais que se referem tão somente a aparência. Na condição de técnica, a memorização deixaria margens a erro no instante em que confundiria o acesso às lembranças do que aprendemos efetivamente, logo, temos conhecimento, com a mera impressão passiva decalcada na alma por obra das paixões do corpo, podendo redundar na ilusão, e não na certeza fundada na plenitude das formas conceituais. (FARIAS, 2012)

O caso do Mercado da Ribeira demonstra uma manipulação da memória de um local. Ao se construir uma imagem de que ele teria sido um mercado de escravos, esta imagem se inscreve no imaginário da população que o visita, mesmo que ela não saiba se isso foi, de fato, verídico ou não. A memória é, assim, objeto sujeito a erros, como afirma Farias (2012). Ao criar a falsa história, o local passou a atrair mais turistas e se consolidar, ao mesmo tempo, no imaginário destes sujeitos, como um lugar de exposições de arte, respondendo às intenções dos indivíduos que buscaram a produção daquela memória.

Sobre a influência do presente na memória do passado, afirmam Fentress e Wickham:

Se a memória é validada na e através da prática real, segue-se que, infelizmente, essa memória nunca é absolutamente segura. O nosso conhecimento, tanto do passado como do presente, é construído sobre ideias e evocações na mente presente; não pode ser mais fiel do que as ideias e evocações sobre as quais se constrói. A confiança que temos na memória é limitada pela possibilidade de uma nova experiência ou ideias melhores a contradizerem. Tenhamos ou não consciência disso, o que tem de valor na memória não é a sua capacidade de providenciar um fundamento inabalável ao conhecimento, mas, simplesmente, a sua capacidade de nos manter à tona da água. (FENTRESS; WICKHAM, 1994, p.40)

Ou seja, as políticas produzidas com relação a Olinda e ao Mercado da Ribeira, mais especificamente, se utilizam de necessidades presentes para produzir uma imagem do passado. Esta



imagem pode vir a ser alterada conforme novas necessidades venham a aparecer (como evidenciado pelo fato de o passado do mercado como local de venda de escravos já ter sido desmentido). É provável que, para as gerações futuras, embora o passado colonial de Olinda nunca seja apagado, as histórias mais marcantes em seus imaginários da cidade sejam as mais modernas, dos grupos artísticos que ocuparam aquele espaço. A memória vai, portanto, sendo construída de acordo com o entrelaçamento de diversos agenciamentos e diversas políticas de imagem.



Acervo Fundação Joaquim Nabuco

Mercado da Ribeira em 1940. Fonte: Fundação Joaquim Nabuco.



Mercado da Ribeira e seus artesanatos hoje em dia. Fonte: Blog Bonecos de Olinda no Mercado da Ribeira.

O tombamento do casario só viria em 1968. É importante destacar que, ao longo de todos os processos citados, Olinda sempre se manteve como cidade residencial. No entanto, agora começava a receber novos moradores, como artistas, arquitetos e intelectuais, que buscavam tornar Olinda seu refúgio e seus sobrados em seus *ateliers* de arte. Com o investimento na cultura local e no turismo, muitas das casas também passaram a ser transformadas não só em locais de venda de arte, mas também em restaurantes e bares.

Para efeitos deste trabalho não foi possível ter acesso a dados que deixassem claro quem eram as pessoas que moravam anteriormente no casario da cidade e quem mora agora, no entanto,

da experiência de moradores da cidade, é possível perceber tanto a presença de pessoas de classe alta (como os grupos anteriormente citados) mas também pessoas de classe mais baixa habitando a cidade, evidenciando a característica de diversidade que também marca o local.

O modelo de alteração da paisagem citadina de Olinda não se caracteriza pela construção de novas estruturas e destruição de antigas. Como o casario da cidade foi tombado e patrimonializado pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), a política para com suas construções é a de conservação e, quando necessário, restauração. Assim, grande parte das casas do sítio histórico foram transformadas, como evidenciado, em mercados de artesanato, centros para organização de eventos e museus. Como não é possível falar sobre todas as estruturas existentes na cidade, o presente trabalho prosseguirá apresentando apenas alguns exemplos que, assim como o Mercado da Ribeira, demonstrem bem a imagem que se tenta construir da cidade atualmente.

Museu de Arte Contemporânea de Olinda

O Museu de Arte Contemporânea de Olinda (ou MAC) se localiza hoje em prédio presente na Rua 13 de Maio, ponto tradicional de encontro no carnaval de Olinda para grupos LGBT. Também chamado antigamente de Aljube de Olinda (do árabe *Al-Jubb*, demonstrando a influência moura na colonização portuguesa),



o prédio foi inaugurado oficialmente em 1765 como cadeia eclesiástica para aprisionar aqueles indivíduos que fossem contra a fé católica. Em 1864 foi transformado em cadeia pública. Finalmente, em 1966, foi tombado e passou por restauração conduzida pelo IPHAN, sendo inaugurado, no mesmo ano, como Museu de Arte Contemporânea de Olinda pelo jornalista Assis Chateaubriand, que doou parte de sua coleção. (VALLE, Portal Cultura PE)

Mais uma vez, no caso do MAC, observa-se a reconfiguração funcional do local, que, ao ser reaberto como um museu, passa a ser associado às artes e cultura. Destaque-se que tal restauração se deu, também, nos anos 60, período no qual, como já explicitado, passava-se a buscar tornar Olinda um polo cultural e turístico. Mais uma vez, no entanto, influi-se na memória coletiva, uma vez que, embora não se apague o passado do local como uma cadeia, se busca focar na sua nova funcionalidade. Ao se visitar o MAC, não é possível encontrar quase nada que remonte à sua função passada, nem às histórias que, porventura, possam ter sido vividas ali.



Aljube de Olinda, ilustração de Manuel Bandeira para o 2º guia prático, histórico e sentimental de cidade brasileira (1939). Fonte: E-Almanach.



Cadeia Pública de Olinda. Fonte: IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).



Museu de Arte Contemporânea de Olinda. Fonte: Portal Cultura PE.

Mercado Eufrásio Barbosa

Um último caso a ser analisado é o do Mercado Eufrásio Barbosa. Recentemente reinaugurado como centro cultural (BRASIL DE FATO, 2018), após passar cerca de quatro anos fechado, o local é mais uma das edificações de Olinda antiga que, após passar por uma série de funções ao longo de sua história, agora existe como ponto associado à cultura local e à organização de eventos.

O lugar funcionou, originalmente, a partir do século XVI, como primeira Casa da Alfândega Real do Império Marítimo Português em Olinda, comercializando produtos vindos da Europa.

Posteriormente, entre 1894 e 1960, funcionou ali a Fábrica de Doces e Conservas Amorim da Costa & Cia, empreendimento de início bem-sucedido, mas que, posteriormente, veio à falência. Em 1979, o local foi adquirido pela prefeitura de Olinda, passando por uma grande reforma e sendo inaugurado em 1990 como o Mercado Público Municipal Eufrásio Barbosa, além de ser tombado pelo IPHAN. (ÉDIPO, 2018)

Desde então, o local passou por diversas transformações, tendo dificuldade de se manter útil para a população da cidade. Um grande plano de requalificação do mercado, assim como do largo do Varadouro como um todo, está presente na proposta do Complexo Turístico Cultural Recife e Olinda, de 2007. Pretendia-se uma grande reforma, que veio a ser consolidada nos últimos quatro anos. O mercado reabriu com novas estruturas e se prepara para receber novamente comerciantes e turistas.

De forma semelhante aos outros lugares analisados, o mercado também possui uma história de ressignificações de lembranças e esquecimentos. O seu passado como Casa da Alfândega não deixa traços nas utilizações atuais do espaço, assim como a tentativa de tornar Olinda uma potência industrial que ocorreu no período em que foi uma fábrica de doces. O Mercado Eufrásio também se integra, assim, ao plano maior de tornar a cidade de Olinda um complexo turístico e cultural.



Fábrica de Doces e Conservas Amorim da Costa & Cia. Fonte: Desconhecida.



Mercado Eufrásio Barbosa. Fonte: G1.

Considerações finais

O que se apresentou até aqui foi não apenas a história da cidade de Olinda e de seus moradores, mas a forma como estes dois elementos (o espacial e o humano) se relacionaram na construção de uma memória social e política do sítio histórico. Por óbvio que talvez aqueles indivíduos que buscaram refúgio em Olinda durante a Ditadura Militar e passaram a ocupar suas ruas e usufruir da cultura local não tinham consciência de que transformariam os significados associados à cidade, mas os seus agenciamentos naquele momento foram produtores de memória.

É possível perceber, portanto, que o desenvolvimento da cultura local, principalmente do carnaval, produzido majoritariamente por populações afro-brasileiras, ao se encontrar com uma gestão pública com interesses em investir no turismo local e com indivíduos ligados ao campo artístico, permitiu que a cidade se reinventasse completamente.

Assim, Olinda, marcada por um histórico no qual foi considerada, durante muito tempo, um mero anexo do Recife, após a perda de seu poder político, pôde se consolidar como um local associado à arte e à cultura de seu povo, passando a receber milhões de turistas todos os anos (principalmente no período carnavalesco). Além disso, se confirma, também, como um polo cultural para os próprios pernambucanos, que têm tal imaginário confirmado por artistas e obras locais que celebram os encantos e a liberdade da cidade, como Alceu Valença e o já citado filme Tatuagem.



Com o exemplo de Olinda foi possível ver, de forma clara, uma série de políticas de imagem e seu entrelaçamento com agenciamentos humanos que permitem a transformação e ressignificação de espaços citadinos e a construção de novas memórias associadas a eles. Uma cidade colonial e pacata passou, assim, a ser um centro de boemia, festa, arte e diversidade, mesmo que, para isso, tenha precisado reescrever determinados trechos de sua história, fortalecendo algumas lembranças, apagando outras e, por vezes, inclusive, criando lembranças que não existiam previamente (como no caso do mercado da Ribeira sendo vendido como antigo mercado de escravos). Evidencia-se, assim o caráter dúbio da memória, mas também o seu poder de transformação de espaços e de histórias.

Referências

Obras

- ALVES, Elder P. Maia (org.): *Políticas Culturais para as Culturas Populares no Brasil contemporâneo*. Maceió: EdUFAL, 2011.
- FARIAS, Edson. “Alguns Apontamentos sobre o Duetto Memória e Modernidade”. In:
- FARIAS, Edson. “Memória, o objeto em suas narrativas”. In: SILVA, Maria da Conceição Fonseca & FARIAS, Edson Silva de (orgs): *Memória, Discurso e Sociedade*. São Carlos (SP): Claraluz, 2012.

FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. *Memória Social (Parte I)*. Lisboa: Teorema, 1994

FREYRE, Gilberto. *Olinda: 2º guia prático, histórico e sentimental de cidade brasileira*. 4. ed., ver., atual. e aum. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1968.

Páginas da internet

BARROS, Isabelle. *Imagens afetivas do Vivencial são publicadas em livro nesta quinta*. Disponível em: <http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2016/11/17/internas_viver,675479/vivencial.shtml> Acesso em: 02 de dezembro de 2018.

ÉDIPO, Rodrigo. *Conheça o movimento olindense que uniu patrimônio e arte durante o Golpe de 1964*. Disponível em: <<https://poraqui.com/olinda/conheca-o-movimento-olindense-que-uniu-patrimonio-e-arte-durante-o-golpe-de-1964/>> Acesso em: 02 de dezembro de 2018.

ÉDIPO, Rodrigo. *Sabia que o Mercado Eufrásio já foi casa de alfândega e fábrica de doces?* Disponível em: <<https://poraqui.com/olinda/sabia-que-o-mercado-eufrasio-ja-foi-casa-da-alfandega-e-fabrica-de-doces/>> Acesso em: 02 de dezembro de 2018.

LIMA, Fernando da Mota. *Olinda era uma festa*. Disponível em: <<http://fmlima.blogspot.com/2010/01/olinda-era-uma-festa.html>> Acesso em: 02 de dezembro de 2018.



VALLE, Isabelle. *Museu de Arte Contemporânea* (MAC). Disponível

em: <<http://www.cultura.pe.gov.br/pagina/espacosculturais/museu-de-arte-contemporanea-mac/>> Acesso em: 02 de dezembro de 2018.

A cidade – *História*. Disponível em: <<https://www.olinda.pe.gov.br/a-cidade/historia/>> Acesso em: 27 de novembro de 2018.

A cidade – *Títulos*. Disponível em: <<https://www.olinda.pe.gov.br/a-cidade/titulos/>> Acesso em: 27 de novembro de 2018.

Mercado Eufrásio Barbosa é reinaugurado em Olinda após quatro anos fechado. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2018/07/10/mercado-eufrazio-barbosa-e-reinaugurado-em-olinda-apos-quatro-anos-fechado/>> Acesso em: 02 de dezembro de 2018.

Olinda teve mais de 3 milhões de foliões durante o carnaval 2018. Disponível em: <http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vidaurbana/2018/02/15/interna_vidaurbana,741714/olinda-tem-mais-de-3-milhoes-de-folioes.shtml> Acesso em: 27 de novembro de 2018.

Unesco concede título de Patrimônio Imaterial da Humanidade ao frevo. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2012/12/unesco-concede-titulo-de-patrimonio-imaterial-da-humanidade-ao-frevo.html>> Acesso em: 02 de dezembro de 2018.